

# Resolução de situações-problema

## Situação-problema

Redigir um texto-síntese que responda ao problema: “Foi o Estado Novo fascista?”.

Saberes a mobilizar	
Saber	Saber-fazer
<ul style="list-style-type: none"> <li>– Caracterizar a ideologia fascista, distinguindo particularismos e influências mútuas</li> <li>– Exemplificar formas de enquadramento das massas nos regimes fascistas</li> <li>– Mostrar o desrespeito dos direitos humanos por parte dos fascismos</li> <li>– Caracterizar o modelo económico do totalitarismo fascista</li> <li>– Analisar o carácter antidemocrático, conservador, nacionalista e corporativo do Estado Novo</li> <li>– Sublinhar as influências do fascismo italiano no ideário, instituições e práticas políticas do Estado Novo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Analisar fontes de natureza diversa</li> <li>– Pesquisar informação relevante, organizando-a segundo critérios de pertinência</li> <li>– Comparar diferentes perspetivas</li> <li>– Elaborar sínteses com correção linguística:               <ul style="list-style-type: none"> <li>• estabelecendo traços definidores</li> <li>• distinguindo situações de rutura</li> <li>• utilizando, de forma adequada, terminologia específica</li> </ul> </li> </ul>

## Documentação

doc  
A

### Expectativas de Mussolini (1930)

[...] Hoje, afirmo que, sendo o fascismo uma ideia, uma doutrina, uma realização, ele é universal; italiano nas suas instituições particulares, universal no seu espírito [...]. Podemos, pois, prever uma Europa fascista, uma Europa que se inspira nas doutrinas e na prática do fascismo para as suas instituições – uma Europa capaz, em suma, de resolver no sentido fascista o problema do Estado moderno, do Estado do século XX, que é bem diferente dos estados que existiam antes de 1789 e daqueles que se formaram depois.

Mussolini, *Mensagem para o Ano IX, na véspera do aniversário da Marcha sobre Roma*, 1930

doc  
B

### O fascismo e a ditadura portuguesa: entrevista de António Ferro a Salazar em dezembro de 1932

A. Ferro – “[...] Alguns dos seus admiradores gostariam de o ver aproveitar mais a lição da Itália, a lição do Duce. É dessa opinião? Julga o fascismo, nas suas linhas gerais, adaptável ao nosso país?”

Salazar – “A nossa ditadura aproxima-se, evidentemente, da ditadura fascista no reforço da autoridade, na guerra declarada a certos princípios da democracia, no seu carácter acentuadamente nacionalista, nas suas preocupações de ordem social. Afasta-se, porém, nos seus processos de renovação. A ditadura fascista tende para um cesarismo pagão, para um estado novo que não conhece limitações de ordem jurídica ou moral, que marcha para o seu fim, sem encontrar embaraços nem obstáculos. Mussolini, como sabe, é um admirável oportunista da ação: ora marcha para a direita, ora marcha para a esquerda; combate hoje a Igreja, mas, pouco depois, é ele próprio que faz o tratado de Latrão para mandar encerrar, 10 meses passados, as associações católicas.

(continua)

(continuação)

Outra diferença que separa as duas ditaduras – continua o dr. Salazar – é a diferença dos seus meios de ação, a mecânica da sua renovação. A violência, processo direto e constante da ditadura fascista, não é aplicável, por exemplo, ao nosso meio, não se adapta à brandura dos nossos costumes...”

António Ferro, 2003 – *Entrevistas de António Ferro a Salazar*, Lisboa, Parceria A. M. Pereira (1.ª edição, 1933)

doc  
C

### O Estado nacional e autoritário (1934)

Um dos mais altos objetivos do 28 de maio e da evolução por ele determinada na política e no direito é o restabelecimento do Estado nacional e autoritário [...].

5 E todavia é preciso afastar de nós o impulso tendente à formação do que se poderia chamar um Estado totalitário. O Estado que subordinasse tudo sem exceção à ideia de nação ou de raça por ele representada, na moral, no direito, na política e na economia, apresentar-se-ia como ser onipotente, princípio e fim de si mesmo, a que tinham de estar sujeitas todas as manifestações individuais e coletivas, e poderia envolver um absolutismo ainda maior do que aquele que antecederam os regimes liberais, porque ao menos esse outro não se desligara do destino humano. Tal Estado seria essencialmente pagão, incompatível por natureza com o génio da nossa civilização cristã, e cedo ou tarde  
10 haveria de conduzir a revoluções semelhantes às que afrontaram os velhos regimes históricos e quem sabe se até a novas guerras religiosas mais graves do que as antigas.

Salazar, *Discurso de 26 de maio de 1934*

doc  
D

### O fascismo e o Estado Novo segundo um fascista italiano (1935)

Enquanto o fascismo é um sistema de pensamento antes de ser um sistema de governo, o Estado Novo é simplesmente um sistema de governo ao qual se procura dar um conteúdo  
5 ideal.

Por que não se dota a União Nacional de uma estrutura mais máscula [...], mais fascista, uma organização mais capilar para a transformar num verdadeiro partido de massas, vivo e ativo?  
10

Um partido, como uma Igreja, tem necessidade de reunir os seus fiéis em cerimónias, ritos, reuniões. Não basta a difusão de opúsculos (que aliás é feita mais no estrangeiro do que em Portugal), especialmente quando os  
15 analfabetos abundam.

U. Baldi Papini (fascista italiano),  
*Baldi Papini in Portogallo*, Roma, 1935

doc  
E

### Salazar visto por um suíço (1936)

Salazar [...] é um filho da terra, quase um serrano. Tira da sua família e do seu meio o espírito prático, o espírito da economia, a continuidade no esforço, a prudência e a lentidão  
5 na ação, a reflexão calculada, a simplicidade, até o apagar-se, a falta de necessidades, uma certa dureza [...], o sentido da autoridade, o encarniçamento no trabalho, a vontade concentrada, o respeito pelas tradições, o patriotismo enraizado, a fé religiosa. É pois um português-tipo, ou melhor, dum certo tipo [...], o mais refratário às ideologias. [...]. Como é, no fundo, tímido, manifesta-se o menos possível em público. Criou, em seu redor, voluntariamente, a reputação dum ser inabordável. Não  
10 cultiva nada a reputação e desconfia dela. [...].

Gonzague de Reynold, escritor e historiador suíço,  
*Portugal*, Paris, 1936

doc  
F

### Carta-postal anticomunista (1937)



Fotografias gentilmente cedidas pelo Museu de Peniche.

Junto da cruz de Cristo lê-se: "Levar o conforto aos que se batem pela Espanha nacionalista é defender a civilização cristã". Os custos da carta-postal destinavam-se a contribuir para a causa dos nacionalistas durante a Guerra Civil de Espanha.

doc  
G

### Salazar e a saudação romana



#### UM DOCUMENTO HISTÓRICO

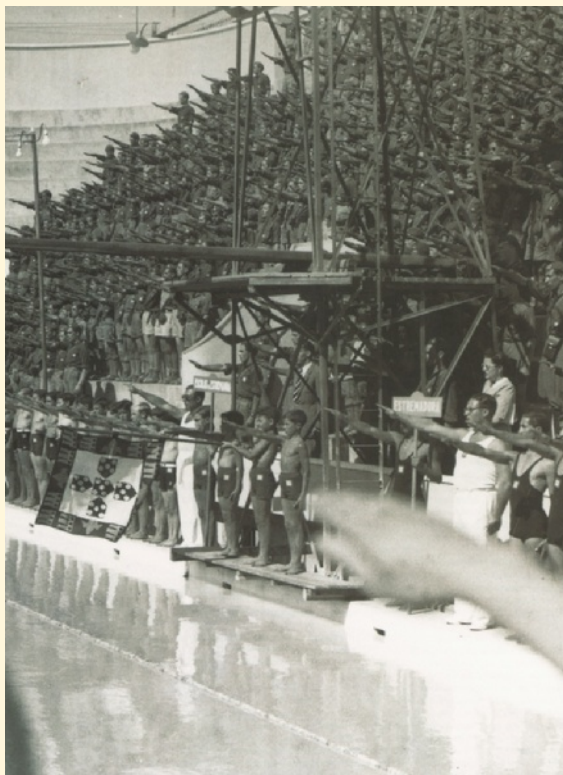
O SR. DR. OLIVEIRA SALAZAR PRESIDE A UMA GRANDE REUNIÃO DE LEGIONÁRIOS E, DEPOIS DO SEU ENTUSIASTICO E NOTÁVEL DISCURSO, EXECUTA, PELA PRIMEIRA VEZ, A SAUDAÇÃO ROMANA.

Imagem e palavras tiradas da capa da revista *SÉCULO ILUSTRADO*, 19 de março de 1938.



doc  
H

## Imagens da Mocidade Portuguesa (fim dos anos 30)



1. Concentração da Mocidade durante uma prova desportiva.



2. Participantes de um concurso para graduados da Mocidade Portuguesa.

NTEHA12EMP-CONT-p1 © Porto Editora

doc  
I

## Fascismo ou autoritarismo?

O fascismo, quer como movimento quer como regime político, representou uma variante de um amplo espectro de reações autoritárias no século XX. Numa perspetiva histórica, o fascismo ficou inscrito pelas ditaduras italiana e alemã.[...]

5 Como forma de regime político, a característica a ressaltar, quando comparado com outras reações ditatoriais suas contemporâneas, foi a da tensão totalitária que atravessou as suas instituições e o seu modo de relacionamento com a sociedade. Esta tensão está indissociavelmente ligada ao facto de ter sido um partido de tipo fascista a dirigir o processo de transição e consolidação do novo regime. [...]

10 No caso português, o fator a salientar, numa perspetiva comparativa, foi assim o da ausência de um movimento fascista no processo de derrube do liberalismo e na própria edificação da ordem autoritária. [...] O salazarismo edificou-se a partir da ditadura militar implantada em 1926 [...].

A construção institucional do salazarismo, muito embora recolhendo inspiração dos fascismos no poder, particularmente do italiano, recusou voluntariamente os elementos que constituíram a sua singularidade.[...] Tal diferenciação foi visível na chefia, no funcionamento do sistema político e no seu modelo de relacionamento com a sociedade. [...]

15 Salazar conservou sempre alguns traços ideológicos centrais que derivaram do magma cultural de onde proveio: o integrismo católico, de matriz tradicionalista e antiliberal [...]. Foi um ultraconservador no sentido mais literal do termo. Defendeu com intransigência a recusa liminar da democracia e da sua herança ideológica, baseado numa visão «organicista» da sociedade, de matriz tradicionalista e católica.

Geriu o país consciente da inevitabilidade desta modernização, mas pensando sempre na sobrevivência e no bem-estar do que estava ameaçado por ela. [...] O ditador português recusou o modelo de liderança carismática do fascismo por formação ideológica e opção política [...].

No campo das instituições políticas do regime foi também clara a demarcação do paradigma fascista, desde logo no partido único. [...] A presença do partido único em Portugal não foi um agente importante de formação da elite política do salazarismo, já que as suas funções eram reduzidas [...] A dependência do Estado marcou, desde o início, a vida da UN. [...] Salazar governou sobre e com o aparelho administrativo, secundarizando as instituições propriamente «políticas». [...]

O corporativismo, sendo um dos elementos da variante italiana do fascismo, não foi um elemento específico do fascismo [...]. No sistema político do «Estado Novo», a representação corporativa foi secundarizada. O princípio eleitoral foi mantido e a Câmara Corporativa, numa Assembleia Nacional já de si praticamente sem poderes, possuiu apenas poderes consultivos.

A Igreja Católica portuguesa não contribuiu apenas para a matriz ideológica do regime. Para além de toda a simbologia católica de que o regime se apropriou com o apoio explícito da hierarquia, pode-se mesmo falar de um programa político de «cristianização», que atravessou todas as instituições.[...]. Quando, em 1936, algumas organizações inspiradas diretamente do fascismo foram criadas, caso da Mocidade Portuguesa, organização paramilitar da juventude dependente do ministério da Instrução, e a Legião Portuguesa, milícia voluntária anticomunista decorrente do «perigo vermelho» em Espanha, estas foram desde logo enquadradas por serviços religiosos [...]. O «Estado Novo», mesmo durante a «época do fascismo», foi profundamente conservador e confiou mais nos instrumentos de enquadramento tradicionais, como a Igreja e as elites de província, do que em organizações de massas.

No fundamental, o regime não compartilhou das tensões de mobilização dos congéneres fascistas e promoveu a apatia. Isolando o pequeno universo urbano, não confiando sequer na mobilização da sua pequena burguesia, contou com dois grandes agentes no universo do «Portugal profundo»: a notabilidade local e a Igreja.

António Costa Pinto, 1992 – *O Salazarismo e o Fascismo Europeu – Problemas de Interpretação nas Ciências Sociais*, Lisboa, Ed. Estampa



### Um fascismo “togado”

É sabido que o Estado Novo é um regime oriundo de um clássico golpe militar e não fruto do assalto ao Poder de um partido mais ou menos milicianizado. A União Nacional, que ele criou como partido único, estritamente subordinada à política e ao aparelho estatais, nunca foi um partido “revolucionário”, vanguardista, de mobilização de massas, tendente à destruição ou à subversão do Estado. [...] O Estado Novo pretendia-se a si mesmo distinto dos fenómenos de poder irrestrito, de “paganização” ou absolutização do Estado, considerando-se auto e heterolimitado pela “moral e o direito”. Nesse sentido não se poderia falar a seu respeito de uma “dominação totalitária” na aceção que atribui Hanna Arendt às “ditaduras de movimento”, revolucionárias e subversoras do poder constituído, operando a destruição das fronteiras do Estado com a sociedade civil pela politização total desta através de um partido único e monopolizador das formas de pensamento e ação a todos os níveis. Estando claras as diferenças, não parece que elas sejam de molde a excluir liminarmente o salazarismo de tal tipo de expressões autoritárias [...] que emergem na Europa de entre guerras, antes havendo que o encarar, à luz das especificidades da sociedade portuguesa da época [...]. Tal como os demais poderes fascistas e fascizantes do pós-guerra europeu, o salazarismo será, também ele, a síntese dos contributos e apoios das várias direitas políticas e dos interesses. Só que os conjuga de forma particular, [...]

(continua)

(continuação)

com a conseqüente subalternização [...] da corrente mais puramente fascista da ditadura. O que não significa que, em momentos de particular crispação, como durante a Guerra Civil de Espanha, se não tenham acentuado as componentes político-ideológicas, iconográficas e organizacionais especificamente fascistas e que elas não tenham marcado mais ou menos duradouramente o Estado Novo.

- 20 Não obstante o vencimento em Portugal deste “fascismo togado”, de pendor conservador e avesso a instabilidades e desordens, e apesar de esta característica se refletir no carácter compromissório da Constituição de 1933, no repúdio formal do totalitarismo, no papel subordinado da União Nacional, o Estado Novo não deixou de ter e de tentar impor um projeto doutrinário totalizante para a sociedade portuguesa. Portador de uma “conceção do mundo”, do “homem” e do ser social, o salazarismo procurará moldar todos os níveis da sociedade civil de acordo com os “novos valores”, isto é, tentará educá-la e formá-la imperativamente na moral nacionalista, corporativa e cristã, que haveria de presidir à política, às relações de trabalho, aos lazeres, à vida em família, à educação dos jovens ou à cultura em geral.

Fernando Rosas, 1992 – *As grandes linhas da evolução institucional*, em “Nova História de Portugal”, dir. de Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques, vol. XII “Portugal e o Estado Novo (1930-1960)”, Lisboa, Ed. Presença



## Uma ditadura

- O Estado Novo português foi considerado «fascista» ou «tendencialmente totalitário» por aqueles que realçaram as suas semelhanças com o fascismo italiano, ou foi caracterizado como uma «ditadura autoritária», na qual não se teria feito sentir a «tensão totalitária» pelos que, pelo contrário, valorizaram as diferenças entre os dois regimes. O certo é que o Estado salazarista pertenceu à corrente comum de ideologias antiliberais e de ditaduras nacionalistas autoritárias e fascistas que, em reação contrarrevolucionária à crise do liberalismo, assolaram a Europa no período entre guerras. Mas também é um facto que o Estado Novo português se distinguiu, na sua essência, do nacional-socialismo alemão.

- 5 Enquanto ideologia, o salazarismo caracterizou-se por combinar o ideário da direita radical com o conservadorismo tradicionalista e o catolicismo social corporativista, antiliberal e anticomunista. Por seu turno, enquanto funcionamento do sistema político, o Estado salazarista nunca entrou em tensão com o Partido – ou seja, a UN – e sobrepôs-se sempre a ele. Finalmente, no seu relacionamento com a sociedade, não hegemonizou todo o corpo social e, embora tenha por vezes entrado em conflito com a Família, o Exército e a Igreja Católica, permitiu a essas instituições espaços de atuação. Era desejo de Salazar «levar os portugueses a viver naturalmente» e, por isso, excetuando no período de fascização mais notória, como em 1936, não houve, em Portugal, grandes manifestações de massas nem uma tentativa de constante mobilização política da população.

- 20 Segundo a filósofa judia alemã, Hannah Arendt, diferentemente das tiranias tradicionais – ou das ditaduras – que utilizam o seu aparelho repressivo para perseguir e calar os adversários políticos, o «totalitarismo» terrorista nazi não se contentou em destruir unicamente os inimigos do regime, mas quis, também, aniquilar, indiscriminada e arbitrariamente, toda a espécie de vítimas inocentes. Entre estas, contaram-se os judeus, massacrados apenas por o serem. Segundo essa diferença conceptual, deve-se afastar o Estado Novo do campo “totalitário” e caracterizá-lo como uma ditadura, cujo objetivo era amedrontar e calar os seus adversários políticos. Por outro lado, a ditadura salazarista não incluiu, na sua ideologia, o antijudaísmo, e muito menos o elemento antissemita racial e biológico.

Irene Flunser Pimentel, 2008 – *Judeus em Portugal durante a II Guerra Mundial*, Lisboa, Ed. A Esfera dos Livros

## Atividades

1. Classifique a natureza da documentação apresentada (docs. A a L).
2. A que “problema do Estado moderno” se refere Mussolini (doc. A)? Como resolveram as ditaduras fascistas esse problema?
3. Indique a situação política vivida em Portugal à data da entrevista de António Ferro a Salazar (doc. B). Que cargo(s) ocupava, então, o estadista?
4. Identifique as semelhanças e as diferenças que, segundo Salazar (doc. B), existiam entre o regime português e o regime italiano.
5. Que justificação dá Salazar, no discurso de 1934 (doc. C), para o [golpe militar de] 28 de maio [de 1926]? Revela ele algum ponto de contacto com as ideias manifestadas por Mussolini (doc. A)? Explique.
6. Com base nos docs. B e C, diga se Salazar era um incondicional apoiante do fascismo e do nazismo ou se, pelo contrário, lhes colocava reservas. Justifique.
7. Era o Estado Novo considerado fascista pelos testemunhos estrangeiros referidos nos docs. D e E? Justifique.
8. Considera pertinentes e credíveis os docs. A a E para a resolução do problema “Foi o Estado Novo fascista”? Diga porquê.
9. Explique a mensagem veiculada pela carta-postal (doc. F). Preste atenção ao título, às personalidades, aos símbolos e à legenda.
10. Que contributo nos dão as imagens dos docs. F, G e H para responder à situação-problema “Foi o Estado Novo fascista”? Justifique.
11. Depois de ler atentamente os textos dos docs. I, J e L, identifique a posição dos seus autores relativamente à situação-problema enunciada. Saliente os respetivos argumentos.
12. Apesar das diferenças, os três historiadores têm uma opinião comum sobre o Estado Novo nos anos que se seguiram a 1936. Descreva-a.
13. Dê dois ou três exemplos de como as fontes A a H sustentam os argumentos dos historiadores.
14. Redija, agora, o seu texto-síntese, que não deverá ultrapassar uma folha A4. Tenha em consideração:
  - os elementos extraídos da documentação;
  - os conhecimentos adquiridos nos pontos 2.2.1 e 2.5.;
  - a clareza e a correção linguística do discurso.
15. Como complemento, poderá promover, na turma, um debate a propósito da existência, ou não, de fascismo em Portugal.